

## Suicídio, seus sentidos histórico-sociais e o sofrimento humano

### Apresentação



**E**ste dossiê confirma que a proliferação de estudos, abordagens e tematizações sobre o suicídio é inegável, não só no Brasil. De várias áreas do saber, sobretudo das Ciências Humanas e Sociais, bem como das práticas e dos saberes Psi, surgem dizibilidades e visibilidades que historicizam, complexificam e ampliam as possibilidades analíticas, os sentidos, representações, imagens e referências atribuídas ao ato de se dar à morte e ao sujeito que o pratica.

O conjunto de artigos que compõe o dossiê parte do pressuposto de que há diversas possibilidades históricas, sociais e culturais de nomear e de atribuir sentido ao suicídio, muitas vezes apresentado como morte voluntária, homicídio de si mesmo, autodestruição, autoaniquilação, autoeliminação, violência autoprovocada. Ao mesmo tempo em que reforça a tese de que o ato, o desejo e o evento do suicídio são produtos do sofrimento humano e, intrinsecamente, articulados com uma dada temporalidade, cultura e sociedade.

Num momento crítico em que vivemos no país, quando sujeitos e instituições produtoras de conhecimento parecem ter esquecido os ensinamentos sobre a multiplicidade de fatores na composição da vida e da morte, nos parece substancial a leitura dos artigos deste dossiê. Perceber o suicídio como forma de transgressão às normativas da vida e da morte, apesar

\* Pós-Doutor em História pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Atua no Departamento de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1193368748768771>.

\*\* Pós-Doutora em Saúde Pública pela Universidade São Paulo (USP). Coordenadora do diretório de pesquisa CNPQ Percursos Suicidas. Colaboradora do Programa de Pós graduação Multiprofissional em Saúde (UNIFESP). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5434176496347276>.



do sofrimento vivido, pode ser uma perspectiva de pensamento que ilumine as proposições dogmáticas, eficazes e simples.

Adriana María Alzate Echeverri, em *La servidumbre y la muerte. Notas para el estudio de los suicidios de esclavos en Brasil siglo XIX*, apresenta como eixo de sua reflexão sentidos e dinâmicas culturais em torno dos suicídios dos escravos no Brasil, do século XIX. A partir de um detalhado diálogo com a bibliografia, mas também se valendo de casos publicados pela imprensa e encontrados em registros policiais e judiciais, a autora identifica e analisa o amplo e diverso repertório de sentidos e motivações atribuídas ao suicídio, sugerindo a variedade de experiências dos escravos, de expectativas, suas maneiras de enfrentar e de impor suas escolhas, dignidade e condição humana sobre e em históricas circunstâncias e contextos.

Dados epidemiológicos sobre o comportamento suicida e as políticas públicas de prevenção ao suicídio são retomados por Daniel Augusto da Silva e João Fernando Marcolan, em *O comportamento suicida na realidade brasileira: aspectos epidemiológicos e da política de prevenção*. Nesse estudo, taxas de mortalidade por suicídio em diversas regiões brasileiras, a variação da taxa entre homens e mulheres, a inexistência de um programa de vigilância, as subnotificações e a baixa qualidade dos dados sobre a mortalidade são articuladas com outras realidades nacionais, como a divergência de informações, a ausência de integração das instituições e órgãos de atendimento, bem como a falta de atenção qualificada e de atendimento de qualidade em instituições e nas redes de atenção à saúde no Brasil.

No artigo *Imagining terminality: anticipations of suicide with assistance in Switzerland*, Marc-Antoine Berthod, Antony Stavrianakis, Alexandre Pillonel e Dolores Dransart apresentam uma instigante e necessária reflexão sobre o suicídio assistido. O material usado para o estudo foi possibilitado por pesquisa etnográfica na Suíça, país onde a assistência ao suicídio é permitida. Para contar de seus objetivos, com muita sensibilidade e pertinência, os autores analisam as decisões e os pedidos de morte com assistência, as narrativas de pessoas envolvidas no desejo, na conclusão e solicitação do morrer com assistência, o momento, os lugares, ambientes, posições e gestos escolhidos para o suicídio.

A constituição sócio histórica dos enunciados do homem e da morte, no pensamento de Michel Foucault, é resgatada por Fernando de Almeida Silveira em *Os enunciados da morte na constituição sócio histórica do sujeito em mortificação e suicida*. Num trabalho minucioso o autor explora na obra de Michel Foucault os jogos discursivos referentes à morte nos períodos da Renascença, Época Clássica e Modernidade. O autor revela, por meio da obra do filósofo francês, que múltiplas reconfigurações discursivas sobre o tema da morte foram moldadas ao longo dos séculos, conforme as demandas socio-históricas. A morte, como ponto nevrálgico na angústia dos vivos mereceu devaneios, sortilégios, magias, religiões, normas, enclausuramentos, catálogos, enfim, discursos que pudessem arremedar a finitude. Mas um tipo de morte sempre esteve à espreita da própria morte e seus discursos: o suicídio. O autor, reconhecendo o suicídio como um ato ritual e transgressivo para a cotidianidade da vida, afirma: "pode ser a experiência derradeira da produção de um sentido diante do esvaziamento normalizador e disciplinador da sociedade contemporânea". Neste artigo, o suicídio pode ser lido como mais que um sintoma a ser catalogado por fundamentos teóricos diversos que

legitimam, tanto a manicomialização como a medicalização.

Em Suicídio por contágio e o papel das mídias de comunicação em massa, de Esther Hwang e Maria Júlia Kovács, vemos as autoras transformarem a viciada noção de suicídio por contágio em um objeto de estudo complexo e intrigante. A partir de revisão bibliográfica deste conceito desgastado e inconclusivo, acrescido de pesquisa de campo com jornalistas, as autoras apresentam elementos inéditos para a discussão do tema. Ao enigmático conceito de suicídio por contágio são mesclados elementos que ampliam a abordagem do tema: identidade na pós-modernidade, fragilidade de vínculos, consumo de imagens, simulacros, lugares-imagens contagiantes, entre outros. Demonstram cautelosamente que afirmações dogmáticas sobre o suicídio por contágio necessitam revisão, pois quando são investigadas, suas proposições lógicas revelam fissuras e vícios. A ideia do suicídio por contágio baseada num raciocínio positivista da medicina infecto contagiosa é estremecida no artigo. As autoras questionam o conceito: "O suicídio na contemporaneidade vem revestido de um caráter patológico, tratado como doença contagiosa, na qual acredita-se que a sua transmissão se dá pela divulgação do tema". As autoras redimensionam esta discussão, demonstrando que o processo de um suicídio é um evento sociocultural intrincado. No artigo, o suicídio cede o lugar simplista de doença transmitida pela própria divulgação e é reinserido nesta complexa rede de significações do mundo contemporâneo.

Thiago Nagafuchi, em Um olhar antropológico sobre o suicídio: devir, formas de vida e subjetividades, aborda o suicídio apostando nas dimensões das ciências humanas, principalmente a antropologia crítica da saúde e a antropologia do devir, para discutir as formas de vida, seus sofrimentos e o suicídio. Para produzir tal abordagem, além da pesquisa teórica, o autor realizou uma etnografia em ambiente digital e inscreveu o suicídio numa análise social. O autor localiza sua abordagem por intermédio de aspectos como a solidão e perda de um futuro imaginado. Desta forma, descentra seu olhar do suicídio em si. Como refere, "Estudamos as adjacências do fenômeno por meio da lente que escolhemos – porque olhar somente para o suicídio é como olhar para um fractal, aquela figura cuja estrutura se mantém idêntica não importa o quanto nos afastamos ou nos aproximamos dela. Mais que o resultado da imagem final, para o fractal tem importância a estrutura e a força que o gera."

Este dossiê é, portanto, uma oportunidade de promover e enriquecer o debate interdisciplinar sobre o suicídio. A chamada "escassez de fontes", a subnotificação dos casos de suicídio, a produção bibliográfica já consagrada e os diversos procedimentos de controle, seleção e exclusão dos discursos – como as interdições, os tabus do objeto, os direitos privilegiados do sujeito que fala, a oposição entre o verdadeiro e o falso e a vontade de saber (FOUCAULT, 1996), são explorados, fraturados e colocados em xeque, analisados, incorporados e explorados, para revelar e complexificar as vicissitudes da vida do indivíduo em sociedade, não só no tempo presente, como no passado.

## Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. SP: Edições Loyola, 1996, 79 p.

